

## Recensões Críticas

Fernando Aguiar-Branco - *Digressões autobiográficas*,  
Porto, ed. do Autor, 1997, 315 págs.

Um certo tipo de estruturalismo filosoficamente mal urdido, se bem que agressivo e estonteante, assustou pelos anos 60 a velha arte de contar e de contar-se. A morte do sujeito (como corolário tardio do anúncio da morte de Deus) foi anunciada com pompa e circunstância por pregoeiros enjoados da vida nas suas facetas mais patentes já cantadas(e desencantadas) pelo velho psicologismo humanista europeu. A narrativa embrulhou-se, ensimesmou-se, recusando-se a contar, porque a coisificação do sujeito reduziu-a a uma fria e inocente passividade, a uma obsessiva tautologia, absurda, irracional e insólita. E se algum género literário havia de ser penalizado e acusado de contrafacção foi aquele que se constituiu geneticamente sobre um confessionalismo memorialista. Sob pretexto de se eliminar psicologias de superfície e sentimentalismos redutores, a biografia e a autobiografia sofreram um forte abalo que começara já com o Surrealismo nos anos 20. A vaga avassaladora do triunfo do objecto sobre o sujeito, do enunciado sobre o seu enunciador, parecia engolir as correntes tranquilas de uma revivescência sadia, que, procurando no indivíduo a coerência de um *continuum* estruturado pela sua memória projectada no tempo e no espaço, buscava uma solidez narrativa com base numa integridade individual, personalística, única e irrepetível. Os anos 80 viram já surgir em França grandes biografias que desafiaram, até pela fome com que o público as transformou em *best-sellers*, a vaga de fundo estruturalista, tolhida com medo de contar sequencialmente, e reafirmaram os direitos de cidadania das memórias (*auto*)*biográficas*.

As **Digressões autobiográficas** de Fernando Aguiar-Branco inscrevem-se neste gosto elegante e desinibido de contar. O narrador em primeira pessoa assume sem narcisismo as consequências dos seus gestos, das suas opções, dos seus ideais. Tenta com fino saudosismo literalizar emoções fortes de uma vida que (trans)corre ao sabor da pena, mas cativa, prende e seduz. Nos seus bosquejos linhagístico, académico, familiar, profissional, político e ideológico, sente-se o (es)correr de um rio que se espraia sem ter pressa em chegar à foz. Cruzam-se pessoas, chocam-se tempos, ajustam-se mentalidades, mas a autobiografia de Aguiar-Branco é um todo de emoções sentidas e cordialmente guardadas com o respeito de quem sabe apreciar a História com as suas sístoles e diástoles, com o olhar tranquilo de quem possui uma plataforma de valores que não são fruto de oportunismos de circunstância, mas antes resultado de um amadurecimento moral conseguido no cadinho de uma personalidade vertebrada que tenta ler os ditames da História e das histórias com a lucidez de uma consciência progressiva, tolerante, sólida na sua idiosincrasia e na sua axiologia.

As margens humanistas das suas *digressões* não permitem saltos bruscos entre montante e jusante, porque a nascente é confessamente inspirada nas matrizes de um humanismo cristão libertador de fundamentalismos políticos ou religiosos. O autor não quer arrancar nem até dulcificar nenhuma página menos cómoda da sua «história» vivida. Seria uma violência ( a)moral para quem se assume frontalmente numa afirmação ininterrompida de independência, autonomia e liberdade. Sóbrio no seu estilo, arrumado nas suas ideias, objectivo nos seus juízos, tolerante e crítico no seu relacionamento com o espectro político, cultural e religioso ao longo de toda uma bem sucedida carreira de jurista, Aguiar-Branco vela-se e desvela-se num jogo narrativo com múltiplos encantos, porque agarra com arte o leitor interessado em confrontar o homem com a sua escrita, em repensar épocas conturbadas da História portuguesa e mundial.

Mas é impressão nossa que as folhas mais importantes desta *autobiografia* estão apenas esboçadas no que respeita à sua actividade mais próxima e mais profícua na Fundação Eng. António de Almeida. Aí os seus horizontes de intervenção alargaram-se generosamente e ficou nas suas mãos uma enorme responsabilidade social e cultural de que deveria ser guardião e dinamizador em virtude das suas funções. Aqui o narrador tem escrúpulos em avançar demasiado, porque não quer adiantar-se ao julgamento distanciado da História. Compreende-se o pudor, mas a história cruzada de António de Almeida e de Fernando Aguiar-Branco não coube nestas *digressões*. A importância dos investimentos dessa benemérita Fundação e o papel desempenhado pelo seu fundador e pelo seu dinamizador neste país hão-de merecer na hora certa e pelo punho exacto a homenagem apropriada, em terceira pessoa, a uma história de um mecenato discreto, generoso, inteligente e selectivo.

A. Ferreira de Brito  
Universidade do Porto.

Realização fiel da divisa ionesciana, «Prenez un cercle.Caressez-le.II deviendra vicieux», esta «peça em três actos» estabelece, não só metadramaticamente, a inutilidade da tragédia e a gratuitidade da comédia, ao mesmo tempo que define amplamente a vida humana, e a experiência conjugal muito em particular, como uma tragicomédia, ainda assim irregular, de tão absurda (afinal, radicalmente infeliz), no desenlace.

Concentracionário, o espaço só oferece a variante da forma oval para a rectangular dos espelhos que se substituem na mudança (inevitavelmente inútil e aparente) do primeiro para o segundo acto, expressão nevrótica de um narcisismo essencial que se há-de explicitar concludentemente na separação das cadeiras com que, no terceiro acto, insuportável, esses destituídos «actantes», «de costas um para o outro», esbanjam a perdição de uma linguagem empolada e barata, teológica e quase escatológica, cujos jogos entre significantes e significados, de tão previsíveis, só enfatizam a mediocridade da sua vocação (aliás, também inexistente e basicamente onomatopaica).

Genesiacamente estéreis, estes anjos caídos, infernalizados ainda pela memória da volúpia, concedem a um cão, Espelho de seu nome, isto é de sua obsessão, a importância afectiva e moral (se acaso disso se pudesse aqui tratar) de um Deus cruel que lhes deu o cio, depois a mais frígida das indiferenças, e a solução ( não chega a ser salvação, mas não há palavras para isto) do onírico e da embriaguez.

Seios inúteis que o cão, desaparecido como o espírito, não chega a morder, seiva bruta que só falou na clandestinidade arejada do adultério, o deserto desta sobrevivência derrete para sempre as asas de Ícaro e devolve irreversivelmente ao sopé da montanha a pedra de Sísifo.Sem a felicidade dos olhos que procuram encontrar-se e o metal precioso do silêncio, dada a impossibilidade da depuração trágica — «A tragédia foi uma invenção dos deuses para que o homem não fosse soberano» — e da morigeração cómica, distante dos matizes da «comédie larmoyante», não proporcionando qualquer consequência da soberania humana fragmentada, esta peça ressuscita o já clássico na modernidade «piétinement» do teatro do absurdo, na nossa época crepuscular.Et le crépuscule des dieux ne devrait-il pas être déjà l'aube des humains?

*Cristina A. M. de Marinho*  
*Universidade do Porto*